

BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — Augusto de Castilho.
DIRECTORES — Jayme Victor e Lorjô Tavares.

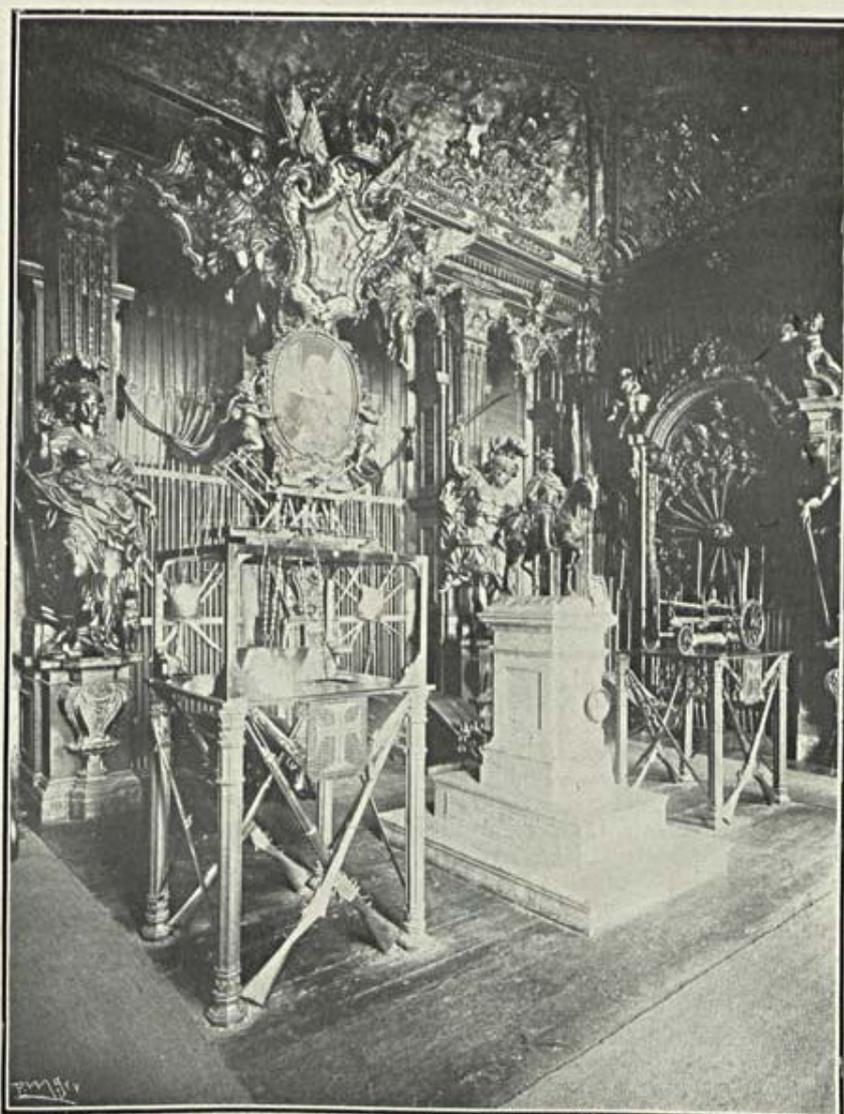
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*.
CHEFE DO ESCRITORIO — J. Nunes de Freitas.
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

16 DE AGOSTO DE 1912

N.º 326

ASSUMPTOS MILITARES

o Museu de Artilharia



A sala D. José I

(Phot. de A. C. Lima)

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 16 de agosto de 1912

O Brasil-Portugal regista hoje um facto importantissimo a que todos, sem distincção de partidos, teem ligado o devido apreço. Trata-se da proposta feita pelo governo brasileiro aos ministros de Portugal e da Hespanha no Rio de Janeiro, relativamente aos emigrados politicos portuguezes, a quem o Brasil offerece asylo, promptificando-se a facultar-lhes passagens e a procurar-lhes collocação.

Não ha duvida que estamos em presença d'um bello e nobre gesto da parte do governo brasileiro e não d'uma simples questão de sympathia da Republica do Brasil pela Republica Portugueza. Os governos, quando são constituídos de verdadeiros estadistas, nunca se preocupam com pequeninas questões de amidades politicas. Os seus pensamentos voam sempre mais alto, outra é sempre a sua forma de pensar e a sua orientação. Se assim não fosse, como poderia a França democratica ter-se aliado com a Russia despotica e como se produziram outros tantos factos passados nos nossos dias?

A proposta do Brasil obedeceu, evidentemente, a um pensamento mais vasto, mais humanitario, mais liberal e direi mesmo mais patriotico, sem deixar de ser gentil para conosco, tão gentil que se reconhece n'elle a velha alma portugueza, sempre cavalheiresca, sempre leal e sempre boa.

O Brasil, intervindo d'um modo tão digno de elogio nos negocios entre duas nações da Europa, afirma-se um grande paiz, onde o tacto politico e a sciencia de governar não são palavras sem sentido. Affirma a sua grandeza, a sua generosidade, os seus sentimentos liberaes, não temendo dar abrigo voluntariamente a individuos cujas ideas politicas são totalmente oppostas ás instituições brasileiras.

Assim procedendo, o Brasil corresponde ao mesmo tempo ao gesto arrojado e humanitario do vice-almirante Augusto de Castilho, quando da revolta monarchica levada a effeito, ha annos, pela armada brasileira, gesto d'uma tão grande abnegação e d'um tão grande heroismo, que mais parece ter-se passado em tempos já muito distantes do que nos nossos dias, n'uma epoca de tão grande ausencia de virtudes civicas.

Monarchicos e republicanos, todos devemos ficar gratos á grande nação que é a melhor e a maior obra do nosso paiz. Aos primeiros abre o Brasil as suas portas, offerecendo-lhes uma segunda patria, onde a lingua é a mesma e os costumes pouco differem, aos segundos sem duvida agrada um acto cujo alcance muito pôde concorrer para lhes garantir o socego sempre indispensavel a qualquer regimen. Uns e outros devemos sentir orgulho com o procedimento do Brasil. Esse gesto tem alguma cousa do muito nosso. O sangue portuguez não se desmente nas terras de Santa Cruz, antes se afirma pelo seu cavalheirismo e pela sua gentileza.

Que dirá a Hespanha? O que fará a Hespanha? Pouco importa para o caso. O gesto do Brasil fica.

E já que fallei da Hespanha e sem que isto signifique o minimo proposito aggressivo, aqui deixo apontado que fez, no dia 14 do corrente, 527 annos que se feriu a batalha de Aljubarrota, na qual se bateram sete mil portuguezes contra trinta mil castelhanos. Vae longe esse tempo e portanto evoca-lo não é experimentar odios, mas apenas recordar passadas grandezas, que cada vez se nos afiguram maiores.

Vae longe, disse eu. E no entanto tão populares se tornaram as figuras de Nun'Alvares e do Mestre de Aviz, tão conhecido se tornou o feito epico de Aljubarrota, que chega a parecer que aquellas duas figuras são dos nossos dias. E' que ellas vivem na alma nacional, fazem parte d'ella, são um exemplo sempre vivo de quanto pôde o esforço d'uma nação quando o patriotismo dos seus filhos os reúne para o mesmo fim.

Como é bom recordar as paginas da nossa historia e reler os feitos heroicos d'esses portuguezes que ha quinhentos e tantos annos batalharam contra a aguerrida cavallaria hespanhola! Como soam bem aos nossos ouvidos os nomes de Mem Rodrigues, de D. Antão de Almada e de tantos outros que nos campos de Aljubarrota se cobriram de gloria!

Ha quem diga que nós portuguezes perdemos muito tempo a olhar para o passado que deveria ser aproveitado a pensar no

futuro. Eu tenho a tal respeito a opinião de que nunca são perdidos os momentos que consagramos a prestar culto aos vultos importantes do nosso paiz, que ha muito desapareceram envoltos na paz da sepultura. Com estes não ha receio de nos enganarmos, não succedendo o mesmo quando incensamos os da nossa epoca, a quem a Historia não julgou ainda, e cujos actos, que tantas vezes nos parecem sublimes, são em muitos casos reduzidos a simples acções de pygmeus mais ou menos audaciosos.

A inversa é tambem verdadeira e se outros factos não existissem a demonstra-lo, bastava aquelle de que o *Brasil-Portugal* se occupa neste numero — o da homenagem prestada ha dias ao padre Bartholomeu de Gusmão a quem os seus contemporaneos não fizeram justiça, accusando-o, pelo contrario, de feitiçaria e levando-o a sahir do paiz, para evidenciar que o raciocinio que acima deixo exposto não assenta em bases falsas.

Olhemos, portanto, para o passado, porque esse nunca nos engana e muito ha n'elle que aprender. Não poderá elle indicarnos o caminho do futuro? O que fomos não será capaz de nos ensinar o que poderemos vir a ser?

J. NUNES DE FREITAS.

D. Maria O'Neill



E' já conhecida dos nossos leitores a distincta escriptora sr.^a D. Maria O'Neill, cujo retrato honra hoje esta pagina do «Brasil-Portugal».

D. Maria O'Neill é natural de Lisboa e filha de D. Maria Carlota Infante de Lacerda Pereira d'Eça e de Carlos Torlades O'Neill. Foi discipula do erudito professor e homem de letras José de Sousa Monteiro e desde muito nova que começou a escrever, não o fazendo, porem, para o publico, senão quando entendeu dever trabalhar.

Tem publicado já:

«Nimbos» (poesias), «Um imitador de Skerlok-Holmes» (serie de contos), «Tudo perdido» (poema dramatico), «S. João nas ruas» (versos populares), «Psalms de amor» (prosa), «Lucta de sentimentos» (romance).

Tem promptos a editar:

«Elles e ellas» (romance lisboeta), «Folhas de outomno» (versos), «Luç e Lama» (contos realistas), e varias peças de theatro ainda não representadas.

Dos seus meritos como escriptora nada podemos dizer que os nossos leitores não tenham já observado nos seus trechos que frequentemente abrilhantam as paginas d'esta Revista.

Uma só nota nos resta accrescentar a estes resumidissimos apontamentos biographicos: D. Maria O'Neill, conhecendo a vida pelo seu lado laborioso, não é feminista, reunido assim mais um merecimento, e dos maiores, aos muitos que a distinguem.

Do seu bello livro, «Lucta de sentimentos», ainda não ha muito publicado, transcrevemos o brilhante capitulo que segue:

Lourença, viscondessa de Cette, dava uma ultima consulta ao seu espelho, quando a sua criada de quarto annunciou as senhoras da Associação de Beneficencia.

— Que entrem.

Eram Martha e Leonor. Leonor era a mulher exemplar que cumpre pontualmente todos os seus deveres civicos e religiosos com

— E' certo. Julguei vêr tambem qualquer cousa que me deu essa impressão.

Martha, córando ligeiramente:

— Como vocês são simples! Mas isso é fatal, é o instinto da



A conspiração monarchica — Miss Alice Lawrence na cadeia do Aljube

propagação da especie, que em nós, as mulheres, é tão forte como a ideia d'um Deus á nossa imagem e semelhança.

Leonor assustada:

— Por caridade, Martha, cuidado! Ha tantos themas para palestras philosophicas!

— Sim, ponhâmos de parte a religião, porque, aqui entre nós e muito em segrêdo, no dia em que a perdermos, onde nos levará a nossa curiosidade e ousadia?

Leonor quasi inconsciente:

— Longe... muito longe por certo.

— Mas, minha querida, a consciencia do dever cumprido...

A viscondessa, muito feminil:

— Ora, deixa-te de palavriado ôco: isso é muito bom para os homens que se embriagam com as theorias, que expandem só para uso alheio. Nós, as mulheres, somos como os cães: para termos juizo precisamos de receber um ser superior e, como o homem não o é, pelo menos na nossa opinião, se nos tiram Deus, o que nos fica?

— As descobertas da sciencia, meu anjo, progridem todos os dias; não vem longe a hora em que as causas de *ser* se tornarão palpaveis. E, n'esse dia morrerão todas as religiões...

— Que utopias! atalhou Leonor.

A viscondessa contemplando-se ao espelho com aborrecimento, ajuntou:

— Bem estupidas...

Martha solemne, protestou:

— Mas não... pelo contrario. Então a radio-actividade não veio fazer tão grandes transformações?...

Não pode mesmo explicar certos phenomenos até hoje attribuidos ao espiritismo?

E accendendo um cigarro, continuou:

— Não vo-los offerêço: vocês são muito femeas para poderem saborear isto.

N'esta altura entrou Thereza vestida no ultimo requinte da moda.

Martha contempla-lhe o trajo com admiração e, repentinamente esquecida da sua arenga philosophica, lança fóra o cigarro e exclama enlevada.

— Mas como vens *chic*, Thereza!...

Leonor e Helena correram a beija-la,

mas esquecem-se de o fazer, embevecidas em olhar as rendas que ornam o vestido de velludo da elegante visita.

— Lindas! lindas! magnificas!

— Bruxellas, não?

— Sim, e das melhores.

— Onde arranjaste?

— Trouxe-as meu pae da sua ultima viagem.

— Como é encantador o teu pae!

— E o chapéu? disse Martha. Vocês já notaram o chapéu?

— E' um modelo deslumbrante.

— Tudo isso é verdade, minhas queridas, mas venho desolada...

— Porquê?

— Acabo de provocar uma gargalhada geral.

— Tu?

— E' lá possivel?!

— Como?

— Um vestido que me custou 1:200 francos, e tão estreito, tão estreito, que não está decente!

Martha, completamente esquecida das suas pretensões masculas:

— Anda lá... deixa vêr...

Todas em côro:

— E' gracioso! muito gracioso! E' um vestido esculptural, um perfeito desenho do corpo... gentil!... gentilissimo!

— Acham? realmente acham? Pois, apezar d'isso, não me consolam...

— Então?

— Imaginem que, quando vinha para cá, começou a choviscar. Mando parar um electrico sem reflectir, e não pude subir para elle.

— Não tem um metro e vinte de roda?

— E' evidente que não. O carro parado, eu fazendo esforços para subir... e não podia levantar mais a saia... era impossivel. Os passageiros riam, o guarda-freio, impaciente, murmurava, olhando-me desprezador... e, peor do que tudo, d'uma janella d'um predio proximo, apontaram-me um *kodac*.

E, levando aos olhos o lenço perfumado, lançou-se desesperada n'uma cadeira proxima.

— E' horrivel!... horrivel! exclamaram as outras sem convicção.

E Martha, com todas as suas pretensões, ainda no fundo mais feminina do que ellas, disse encantada:

— Não importa. Apezar de tudo isso é maravilhoso: cheira a Paris. Tem uma graça, um *charm!*

Thereza fitou-a com os olhos humidos:

— E o *kodac*?



A conspiração monarchica — Miss Alice sahindo do Aljube para ir ao Arsenal ser interrogada

(Phot. de ***)

A viscondessa, remirando os aneis n'um tom quasi de inveja, disse:

— Ora! afinal nós não podemos persuadir-nos de que andamos realmente vestidas...

Leonor escandalizada:

— Oh! Lourença! Se affirmas isso, como hei de eu tornar a vestir o meu vestido pomeau?

Leonor exclamou:

— Eu julgava o Henrique inconsolavel.

— E tu estás certa de seres feliz com elle? perguntou Martha já senhora de si.

— Eis o que realmente me offerece duvidas... Elle assemelha-se demais a uma bella estatua grega... e por vezes... tenho receio de encontrar só a estatua.

Uma estrepitosa gargalhada recebeu a confissão.

— Casas-te á capucha?

— Oh! não. Estou muito vaidosa do meu noivo para o esconder.

— N'esse ponto, ao menos não terás nunca desillusões. Henrique deve ser eternamente bello.

A creada assomou á porta:

— Chegou a senhora presidente.

— Bem. Vão vocês descendo que eu já as sigo.

MARIA O'NEILL.

Pensamentos

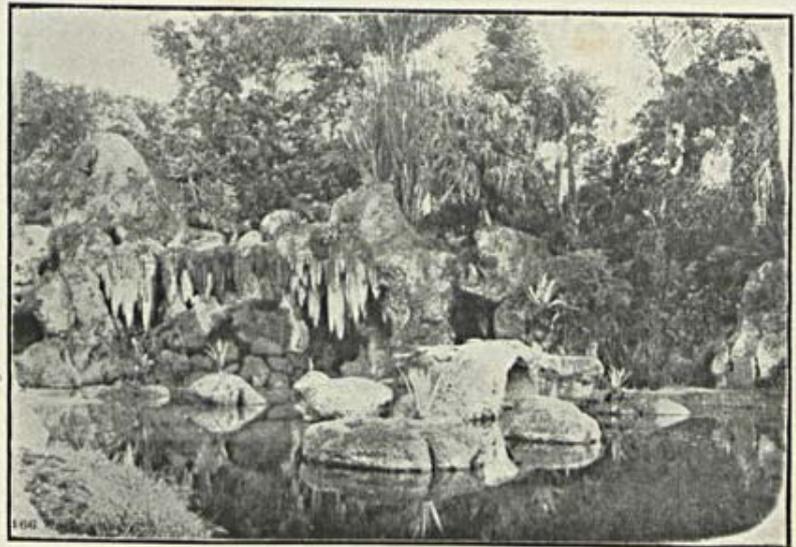
Se conhecessemos perfeitamente todas as coisas, nenhuma desejaríamos ardentemente.

Os que se applicam muito a coisas pequenas geralmente tornam-se inaptos para as grandes.

Nos infortunios tomamos muitas vezes o abatimento por constancia; sofremol-os sem nos atrevermos a encaral-os, como os cobardes se deixam matar sem resistencia.

A nossa inveja sobrevive á felicidade d'aquelle que a provocou.

RIO DE JANEIRO



A Gruta da Quinta da Boa Vista

Preferimos vêr a quem fazemos beneficios a vêr aquelles de quem os recebemos.

ROCHEFOUCAULD.



A conspiração monarchioa — O conspirador Carlos Alçada no Arsenal da Marinha

(Phot. de ***)

— Tudo está na intenção, volveu a viscondessa gaiata.

E Martha pensativa:

— Alli, o mau... o mau, é o homem do kodak.

— Sim, para que digamos, não é muito agradável.

— Quem será elle?

— Não indagues, Thereza, seria perigoso.

— Devo contar a minha mãe?

Todas n'um grito:

— Oh! não. Seria a morte do vestido, e elle é um triumpho, um verdadeiro triumpho.

Thereza poz-se diante do espelho e sorriu á sua propria imagem, murmurando:

— E' o mesmo. Gostava de vêr a photographia ainda que, n'esta occasião, causa-me uma viva arrelia.

— Que ha de particular n'esta occasião?

O meu casamento.

— Tu casas-te? perguntaram as tres, admiradas.

— E' verdade. E vim mais cedo do que a hora para lhes dar parte d'isso e pedir-lhes que me dispensem da reunião de hoje: não tenho mãos a medir com os preparativos da bóda.

— Está então para muito proximo?

— Muito: no dia dos meus annos.

— Quer dar-te de presente a sua pessoa?

— E' um meio de economisar o brinde.

— Más linguas!

— Mas quem é o noivo?

— E' verdade, quem é?

— Ainda o não disséste.

— Todas vocês o conhecem. E' esse mesmo o seu grande defeito: não passa despercebido aos olhos de ninguem.

— Venha o nome.

— Henrique de Castro.

— O Henrique! exclamaram as tres com assombro.

— Mas eu julgava... ia a dizer a viscondessa olhando para Martha.

Esta lançou-lhe um olhar de quem está prestes a afogar-se, e a perversidade feminina deixou-se vencer pela piedade.

Homenagem ao padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão



A direcção do Aero Club de Portugal, sociedade que tomou a iniciativa da homenagem ao glorioso inventor dos balões
(Phot. de A. C. Lima)

Notas biographicas ácerca do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão

Do *Dicionario Popular* transcrevemos as seguintes notas biographicas do glorioso inventor:
Presbitero secular, fidalgo capelão da Casa Real; concessão feita pelo alvará de D. João V de 16 de janeiro



Homenagem ao padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão — A lapide collocada na praça d'armas do Castello de S. Jorge, commemorando a primeira ascensão do padre Lourenço de Gusmão.

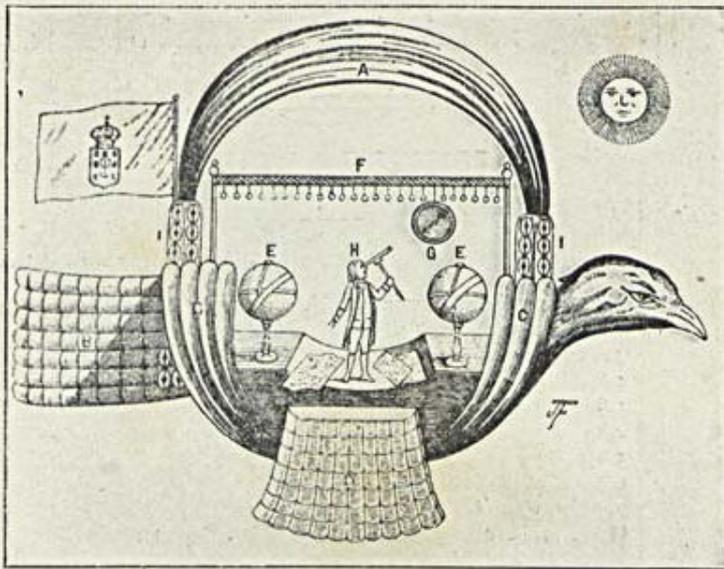
(Phot. de ***)



Homenagem ao padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão
O sr. dr. Velloso Rebello encarregado dos negocios do Brasil e o sr. tenente coronel Hermano de Oliveira, presidente do Aero-Club junto da lapide commemorativa

(Phot. de ***)

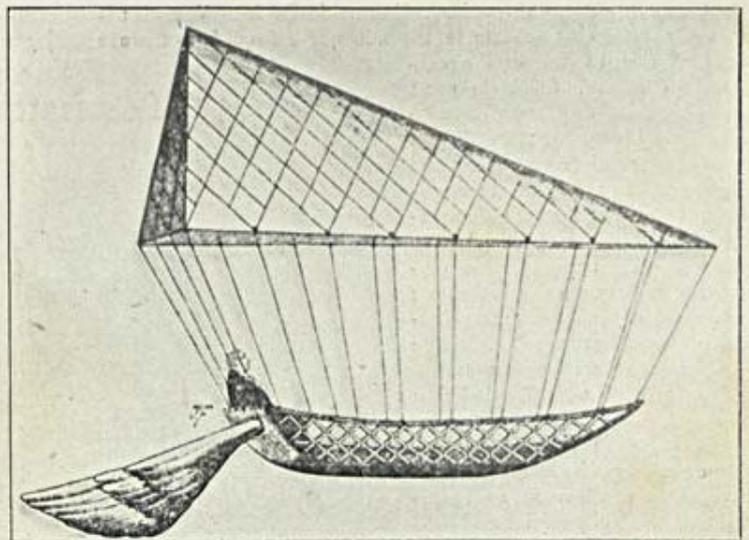
de 1722, doutor em Canones pela Universidade de Coimbra, academico da Academia Real da Historia Portuguesa, etc. Nasceu em Santos, hoje cidade do Estado de S. Paulo, Brasil, em 1685, e faleceu em Toledo a 19 de novembro de 1724. Era filho de Francisco Lourenço, cirurgião-mór do presidio de Santos, e de sua mu-



O aeroplano ou «passarola», nome que o povo lhe deu, inventado pelo padre Lourenço de Gusmão

lher D. Maria Alvares. Foi educado, assim como seus irmãos, no seminário de Belem, situado nas Cachoeiras, proximo da Bahia, fundado pelo jesuita Alexandre de Gusmão, padrinho de seu irmão mais novo, tambem chamado Alexandre de Gusmão, e de quem ambos tomaram o apelido. Muito novo começou a applicar-se dedicadamente aos trabalhos de fisica e mecanica, para que se sentia com a maior vocação. A primeira manifestação do seu engenho foi o maquinismo que inventou para fazer subir a agua de qualquer rio, lago ou brejo, ou mesmo do mar á altura que se pretendesse. O seminário estava construido sobre um monte, e faltava-lhe a agua para a alimentação e serviço da casa, no que se dispndia bastante, e Bartholomeu Lourenço estudou o assunto, e conseguiu por meio de um cano e maquinismo fazer subir ao convento a agua de um brejo que ficava um pouco distante, e inferior ao seminário 101 metros. Tendo concluido os estudos, e deixado o seminário em 1705, tratou logo de tirar vantagem do seu descobrimento, e requereu á camara da Bahia lhe concedesse o privilegio de invenção, o que ela fez em sessão de de 12 de dezembro do referido ano de 1705. Bartholomeu Lourenço requereu então ao governo para que o privilegio se tornasse extensivo a todo o Brasil. O conselho ultramarino, a que foi apresentado o requerimento, consultou favoravelmente sobre elle em 18 de novembro de 1706, obtendo o despacho d'el-rei só em 23 de março de 1707 e passando-lhe a referida carta de privilegio. Veiu depois para Portugal e matriculou-se na Universidade de Coimbra, em dezembro de 1708, na faculdade de Canones. Foi durante este ano lectivo que Bartholomeu Lourenço se dedicou ao trabalho da sua machina de voar, o que o obrigou a faltar á ultima matricula e a abandonar o curso. Todo entregue ás experiencias do seu novo invento, foi-lhe concedido o privilegio em 19 de abril de 1709, fazendo-se a experiencia da Casa da India em 8 de agosto do mesmo ano. Sobre este facto pôde ver-se no volume II do Portugal, a pag. 31 e seguintes, artigo *Balão*, onde tambem se encontra a descrição do aerostato que ficou conhecido pelo nome de *Passarola*, pela sua fórma, assim como do padre Bartholomeu Lourenço a quem chamavam o *Voador*. Em 1710 publicou um opusculo de 13 paginas intitulado: *Varios modos de esgotar sem gente as naus que fazem agua, oferecido ao muito alto e poderoso rei de Portugal e dos Algarves, D. João V, nosso Senhor, pelo padre Bartholomeu Lourenço*. Em 1712 publicou um sermão dedicado tambem

ao monarca. Desde então até 1716 não se encontram noticias do estudioso padre, que parece ter saído do reino, indo á Hollanda e a algumas outras nações, talvez para se livrar das intrigas palacianas, de que era victima, procurando perdê-lo no bom conceito d'el-rei, alcunhando-o de feiticeiro, e que o seu invento era obra de Satanaz com quem entretinha relações. No ano lectivo de 1716-1717, porém, matriculou-se no segundo anno de Canones, com certidão de frequencia do primeiro anno de 1708-1709. Frequentou o 3.º ano 1717-1718, e o 4.º de 1718-1719. No ano de 1718 os estudantes da Universidade celebraram uma festividade á Senhora do Desterro, num triduo, cabendo o ultimo dia, aos estudantes ultramarinos, que o escolheram para seu prégador. De 1719 a 1720 frequentou o quinto ano do curso, faltando, porém, á segunda matricula, falta que ele justificou por um documento, em que provava estar ocupado na cõrte em fazer um papel sobre a casa de Aveiro, de cuja causa tratou até 17 de fevereiro de 1720. E' um requerimento dirigido a el-rei em que lhe expõe as suas razões, pedindo para se haver por suprida a segunda matricula, a que faltou. A final chegou a doutorar-se. O despacho foi favoravel e tem a data de 11 de março do referido ano. Este facto prova que, não obstante achar-se na Universidade, era procurado pelo seu talento, para advogar e dirigir as causas mais intrincadas e importantes do Direito Civil. D. João V enviou-o a Roma no mesmo ano de 1720 a fim de negociar duas Bulas, que a cõrte portuguesa impetrava, uma do serviço da patriarchal, e outra das quartas partes dos bispados. A Curia Romana começou a mover-lhe embaraços e demoras pelos equívocos e faltas de percepção das intenções de D. João V, nos que solicitavam este negocio. Bartholomeu Lourenço bem quereria talvez usar do seu natural talento, mas a sua qualidade de eclesiastico não lhe permitia tratar na Curia Romana com aquela liberdade e vigor com que outro qualquer agente o poderia fazer. Conhecendo a cõrte portuguesa este embaraço, mandou em auxilio do padre Bartholomeu Lourenço seu irmão mais novo, Alexandre de Gusmão, que partiu com instrucções claras e esclarecimentos da cõrte portuguesa, ordenando-se-lhe, que residisse ali dois meses para esse fim. O padre Bartholomeu Lourenço regressou em seguida ao reino. Foi um dos 50 membros escolhidos para se formar a Academia da Historia Portuguesa, em dezembro de 1720. No ano seguinte continuou o estudioso padre com assiduidade nas sessões da Academia, e não



Outro aspecto da «passarola» ou machina de voar, apresentando-a como um verdadeiro aerostato

(Phot. de A. C. Lima)

esquecendo a sua paixão pelos trabalhos experimentaes, pediu e obteve carta de privilegio em 6 de agosto de 1721, para poder fazer carvão de terra artificial, por transferencia que nele fizera na concessão que para tal fim tinha alcançado por carta de 23 de maio do dito ano, Manuel Fernandes Calheiros. Apesar de Bartho-

VIAJANTES ILLUSTRES



O sr. Fontoura Xavier, ministro do Brasil em Madrid, que ha dias passou por Lisboa a bordo do «Arlança»

lomeu Lourenço gosar do maior valimento de D. João V, as intrigas contra ele continuavam, e sabendo que a Inquisição tentava perseguil-o outra vez com acusações de feiticeiro, fugiu em 1724 para Hespanha com seu irmão, o padre João Alvares de Santa Maria. Havia apenas dois meses que tinha feito um novo descobrimento mecanoico, pelo qual se lhe concedeu privilegio por carta de 18 de julho do mesmo ano de 1724, para o maquinismo com que os moinhos de rodizio e os engenhos de assucar podessem com a mesma quantidade de agua, com que costumavam trabalhar, moer muito mais. Bartholomeu Lourenço e seu irmão, tendo atravessado Portugal e parte da Hespanha, achando-se em Toledo, adoeceu gravemente, recolheu-se ao hospital da Misericórdia, e faleceu.

Bibliografia: «Varios modos de esgotar sem gente as naus que fazem agua, oferecido ao muito alto e muito poderoso rei de Portugal e dos Algarves, D. João V», etc., Lisboa, 1710, a que se segue uma tradução latina do mesmo opusculo, com uma estampa descritiva: «Sermão da Virgem Maria Nossa Senhora em uma festa, que a devoção de sua magestade lhe dedicou em Salvater-

ra», Lisboa, 1712; «Sermão na ultima tarde do triduo em que os Academicos Ultramarinos festejaram Nossa Senhora do Desterro, prégado na igreja parochial de S. João de Almedina», Lisboa, 1718; «Sermão prégado na festa do Corpo de Deus na freguesia de S. Nicolau», Lisboa, 1721; «Conta dos seus estudos academicos na Academia Real a 16 de setembro de 1723»; na «Colecção dos Documentos e Memorias da mesma Academia, tomo III», imprimiu-se posthuma a «Petição do P. Bartholomeu Lourenço, sobre o instrumento que inventou para andar pelo ar, e suas utilidade». Lisboa, 1794.

VARIEDADES

Semana arabica

Nomes dos dias da semana arabica, e os que lhes correspondem na nossa semana:

- 1.º dia, yum el-ahad, domingo.
- 2.º dia, yum el-thani, segunda.
- 3.º dia, yum el-thalet, terça.
- 4.º dia, yum el-arbaa, quarta.
- 5.º dia, yum el-khamis, quinta.
- 6.º dia, yum el-dgioumaa, sexta.
- 7.º dia, yum el-sabt, sabbado.

O dia arabe começa á noite, depois do sol posto.

Proverbios hollandezes

Antes na estrada n'um carro velho, do que no mar n'um navio novo.

- As rosas passam, os espinhos ficam.
- Por mais que o passaro vôle alto, tem de descer para comer.
- Ainda que o gallo não cante, a manhã rompe sempre.
- Um casaco bem feito é já uma boa carta de apresentação.
- O burro e o burriqueiro nunca pensam do mesmo modo.

Amor e jogo

Uma menina namoradeira incorregivel, censurava seu irmão por se entregar demasiadamente ao vicio do jogo.

- Quando tomarás tu juizo, dizia-lhe ella, e deixarás esse maldito vicio?
- Quando tu deixares de namorar, respondeu-lhe o irmão.
- Oh, desgraçado, retorquiu ella ingenuamente, queres então jogar durante toda a tua vida?

Assumptos militares

Os novos uniformes da banda da Guarda Republicana

(Phot. de ***)

A vida elegante

EMQUANTO os retardatarios fecham apressadamente as malas e completam o exodo fugindo para as thermas e praias a um calor... que ainda não deu signal de si, emquanto nas salas dos Casinos e sob a copa verdejante das arvores se festeja convencionalmente este verão, — convencional, vamos



A sr. Marquiza Paulucci di Calboli
Esposa do sr. ministro da Italia

nós relembando o que foram o inverno e a primavera findos, gosando aquella sensação agridoce que é a saudade, á custa de algumas boas recordações...

Não teve essa estação mundana em Lisboa aquelle esplendór,

brilho e alegria, que assignalaram a vida social nos dois ultimos annos do regimen deposto. A ausencia do paiz de grande numero de pessoas de sociedade e o retrahimento de outras, limitou muito



Madame Plana Suarez
Esposa do sr. ministro de Nicaragua



Madame Garcia Sagastume
Esposa do sr. ministro da Argentina



O sr. Marquez de Villalobar
Ministro de Hespanha

aquella convivencia brilhante, que é um dos mais poderosos attractivos das grandes capitais e um dos seus mais importantes factores de ordem economica pelo capital que entrega ao commercio

e á industria. Ainda assim alguns salões abriram com grande luzimento de aspectos; e não poucas horas alegres decorreram na intimidade de elegantes *leas* e de artisticas *soirées*, onde o talento, a graça e a belleza resplandeceram a meudo, para consoladóra satisfação dos nossos espiritos e... dos nossos olhos!



A sr.ª D. Sarah da Motta Vieira Marques

Entre essas notas de viva alegria que momentaneamente quebraram a monotonia da vida lisboêta, registram-se como das mais notaveis as festas realizadas na Legação de Italia. Tudo se alliava



A sr.ª D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso

para esse exito soberbo; a vastidão do palacio do Campo de Sant'Anna, d'uma tão severa e nobre elegancia architectural, a riqueza, a verdadeira sumptuosidade e alta valia artistica do seu mobiliário,

dos seus quadros, da preciosas collecções reunidas em cada sala, e a *charme* inexcédível, a galanteria insinuante, os primôres de educação e de espirito, dos marquezes Paulucci di Calboli e



A sr.ª D. Branca de Gonta Collaço

dos seus filhos, m.^{lle} Camilla di Calboli e o Conde Fulcieri di Calboli.

Assim, os seus bailes e os seus concertos da estação finda, como as recepções semanaes da senhora marqueira, foram justo motivo de gratidão para os seus convidados e de prazer nunca esquecido.

Os dois concertos de musica russa e de musica hespanhola em casa de sr.ª D. Sarah da Motta Vieira Marques, bem como a *soirée* intima em honra de Vianna da Motta em casa de sr.ª D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso (Carnaxide) foram, nos salões mundanos, os grandes acontecimentos musicaes da estação. Quantos conhecem o singular merito que de ha muito traz em gloriosa evidencia os nomes destas duas illustres senhoras, calculam o que



A sr.ª D. Emilia Macieira Lino, na esplendida festa realizada em sua casa

seriam em brilhantismo essas inolvidaveis sessões de pura arte, realçadas pela attraente e carinhosa recepção com que as duas notaveis amadoras e seus distinctos maridos, os srs. Antonio Fer-

Famílias reaes da Roumania e da Bulgaria



A rainha da Roumania



Fernando de Coburgo, czar da Bulgaria

reira Marques e dr. Alberto Pedroso, captivaram as pessoas das suas recepções.

Mr. Edwin Morgan então ministro da America do Norte em Lisboa, offereceu em janeiro nas lindas salas do palacio da legação algumas festas muito elegantes, em que se evidenciou a fidalguia de trato deste illustre diplomata, que tantas sympathias conquistou durante a sua curta estada em Portugal. Como se sabe mr. Morgan foi elevado a embaixador do seu paiz para o Rio de Janeiro. Deixou em Lisboa muitas e justificadas saudades.

Um baile esplendido, em que mais uma vez se evidenciaram a elegancia, o bom gosto e o esplendor de aspectos que se admiram nesse hospitaleiro palacete da rua Barata Salgueiro, foi o que se

muitos membros do corpo diplomatico e das mais altas classes sociais de Lisboa que da festa dos srs. Weinstein trouxeram as mais gratas impressões.

No Carnaval, entre o limitado numero de festas realizadas em Lisboa, destacou-se como a mais animada e alegre, a *soirée masquée* em casa de M.^{me} Schroeter e de seus filhos a sr.^a D. Alice Schroeter de Oliveira Pires e sr. Pedro de Oliveira Pires, festa já tradicional em domingo de carnaval n'aquella elegante moradia, onde se perde a noção do tempo, tantas são as amabilidades dos donos



O czar Fernando da Bulgaria e a czarina



A princeza da Roumania e seus filhos trajando costumes nacionaes

realizou em casa de M.^{me} Ada Weinstein e de Mr. Martin Weinstein, illustres estrangeiros que são como portuguezes para o nosso affecto, de tal modo conquistaram pela sua intelligencia, espirito e bondade, numerosas sympathias na sociedade elegante da capital. Nessa noite alli estiveram gosando tão aprasivel convivencia,

da casa e sua distincta familia e tão brilhante é a concorrência que alli se encontra.

A primavera trouxe-nos algumas lindas recepções, que as chronicas mundanas na occasião registraram com justo encomio, não dando conta de outras esplendidas festas pelo caracter intimo de que se revestiram. Mas... não resistimos á tentação duma incon-

fidencia! As *sextas-feiras* em casa da illustre poetisa sr.^a D. Branca de Gonta Colaço e de Jorge Colaço, o distinctissimo artista, foram d'um encanto muito particular e d'uma rara valia artistica e litteraria. N'esses pequenos salões, tão carinhosamente acolhedores, juntaram-se a meudo diplomatas, artistas, homens de sciencia, escriptores e poetas, organisando-se sessões litterarias, de excepcional brilho; mas, tudo isto com uma alegria, com uma tão grande despreoccupação de ceremoniosas etiquetas, que os mais pessimistas sobre a existencia da felicidade, não podiam sahir d'aquella casa sem dizer que alguma vez haviam experimentado, — a alegria de viver!...

As elegantes salas da Legação argentina abriram-se para alguns *teas* intimos e para a solemnisção, em *matinée*, da festa nacional d'aquelle paiz.

M.^{me} Garcia Sagastume e seu marido, o sr. ministro da Republica Argentina, gozam de grandes sympathias em Lisboa, encontrando-se sempre os seus amigos com grande satisfação no palacete da Avenida da Liberdade; de maneira que as suas recepções são sempre recordadas com verdadeiro reconhecimento pelas pessoas que teem a honra de frequentar a elegante legação.

M.^{me} Gerty Abecassis, a sr.^a D. Maria d'Eça Leal Abecassis e seus maridos os srs. Jacob Abecassis e Arthur Abecassis, deram em suas casas magnificas festas musicas em que brilharam mais uma vez, além do talento de M.^{me} Eça Leal Abecassis, a grande valia artistica de Mario Ancona, o illustre barytono, de passagem então na capital. Festas brilhantes sob todos os aspectos, d'ellas se occuparam então as chronicas mundanas desevolvidamente, com justo elogio.

Os ultimos mezes da estação deram por igual a sua contribuição de feliz notoriedade á vida mundana de Lisboa.

Os srs. marqueses de Castello Melhor em festas de caracter intimo, de alta e requintada elegancia, abriram á sociedade aristocratica da capital os sumptuosos salões do Palacio da Rosa, onde mais uma vez se affirmou, pelo attraente acolhimento feito pelos illustres titulares aos seus convidados, a fidalga e tradicional hospitalidade d'aquella nobre casa.

Na Legação de Hespanha, que é um verdadeiro museu de preciosidades artisticas, o sr. Marquez de Villalobar, ministro d'aquelle paiz, offereceu ao mundo official e a alguns dos seus amigos intimos, varias festas realisadas com excepcional brilho e animação, que tiveram como especial realce aquella requintada amabilidade que tão attraente torna a convivencia do illustre diplomata.

Tendo passado em Lisboa a caminho para a America do Sul, o eminente poeta Ruben Dario, foi-lhe offerecida na Legação de Nicaragua uma linda *soirée* musical e litteraria. M.^{me} Plana Suarez e o illustre ministro de Nicaragua, que teem na sociedade de Lisboa vivas e numerosas sympathias pelos primóres do seu trato e

bondade do seu coração conseguiram facilmente vêr coroada de exito esplendido a sua festa que foi uma das mais delicadas e interessantes da estação.

Tambem em principios de maio em casa do sr. coronel D. Raphael Aparici, illustre addido militar á Legação de Hespanha, teve logar um elegante *tea* com que a distincta esposa d'este diplomata, a sr.^a D. Izabel Aparici, se despediu dos seus amigos de Lisboa, aos quaes deixou vivas e profundas saudades.

Vae longa esta resenha e falta o espaço para o desenvolvimento d'este registro de passadas, mas não esquecidas alegrias. Além das festas já mencionadas, ainda durante a estação foram notaveis pela sua alegria e distincção, as recepções dos srs. barões Kuhn de Kuhnenfeldt, illustres ministros da Austria e as dos srs. condes de Santar, a esplendida recita em casa da sr.^a condessa de Burnay, os torneios de *bridge* em casa de M.^{mes} Ortigão Ramos e Laura Peters, o esplendido concerto em casa de M.^{me} Andrade Rompana e do sr. Francisco Rompana, e as soberbas e artisticas festas, organisadas pela sr.^a D. Maria Emilia Macieira Lino e seu marido o sr. José Lino e a linda recita em casa do sr. dr. Arthur de Carvalho, ás quaes já aqui fizemos justas e detalhadas referencias.

Eis o que ácêrca da vida mundana lisboeta na estação finda, marca o nosso *carpet* de recordações. Não se dirá que foi muito escassa de horas alegres. — Assim o inverno e a primavera da nova estação, forneçam tantos elementos notaveis ás chronicas mundanas...

LUIZ TRIGUEIROS.

A VIDA ELEGANTE



O casamento da sr.^a D. Flavia de Souto Rocha, com o sr. Roque Marçal Durão de Faria

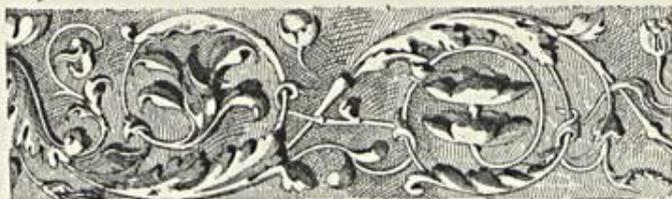
A noiva, seu pae e seu noivo á entrada do templo

a que concorreram distinctas familias brasileiras e portuguezas, sendo os noivos muito cumprimentados pelos seus numerosos amigos e admiradores das suas qualidades de caracter e de coração.

CANCRO DAS ARVORES

O cancro das arvores fructiferas é devido á presença de um cogumelo que causa sempre grandes estragos. Para o combater está sendo usado no estrangeiro, com muito proveito, cortar com uma faca muito afiada até ao madeiro são e cobrir depois todas as partes atacadas com um corpo gordo misturado com uma terça parte de sulfato de ferro finamente pulverisado. Este modo de applicação é mais pratico do que a lavagem da ferida da arvore com uma solução de sulfato, e a acção muito mais prolongada.

A pomada applica-se na primavera, e no inverno se houver necessidade.



POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

X

LISBOA NO VERÃO

LISBOA está despovoada. Todos partem para aguas, para banhos, para ares, com a sofreguidão de quem precisa lavar o corpo e a alma dos miasmas citadinos.

Por um acanhado pardieiro na beira d'uma estrada poeirenta, troca-se a habitação comoda da cidade, por chiquismo pelintra de bolsa magra. E uma familia inteira com uma tia surda suppletar, um gato, um papagaio, um cão, quatro cadeiras partidas, uma mesa e tres colchões, installam-se, com grande alarido, n'um povoado pacato junto d'uma pocilga, onde logo as meninas descobrem, no roncar do suino, deliciosos encantos campezinos.

Tudo parte. E quem não póde partir para Biarritz parte para... Algés; e quem não póde partir para quinta avoenga ou *chalet* vistoso, parte para qualquer casal de teto esburacado de tres divisões e um metro quadrado de horta amarelecida.

Os pormenores que precedem estas veligiaturas são tocantes, não sendo raro vêr lagrimas n'uma despedida... para o Seixal, quando a carroça bamboleando um montão de caqueirada velha, larga com o *loiro* no topo a berrar pela *Gartrudes* que de sacco de ramagem fincado na ilharga, e a gaiola do canario na mão suada e papuda, deita olhares ternos para a mercaria fronteira, onde lhe fica o coração e dois mezes d'ordenado emprestados ao caixeiro do sr. Vianna. E de todos os andares dos predios em redor os lenços agitam-se quando a mamã, as meninas, o Raulinho, o papá, e a D. Vicencia, surgem de guarda-pó e *écharpes*, ajoujados d'embrulhos e caixas de chapéus.

— Bôa viagem! Bôa viagem! Escrevam assim que chegarem, sim?

— O vento hoje não está dos melhores para viagens no mar! — berra d'uma trapeira uma voz auctorizada em assumptos nauticos, receosa da travessia do Tejo que os seus visinhos vão fazer.

O chefe de familia agradece e gesticulando de nariz no ar diz que «será o que Deus quizer» — promettendo mandar telegramma logo que desembarque. As meninas guincham lembrando ás Bibis do predio d'azulejos o promettido.

— Lá as esperamos uns diasinhos, ouviram?

E as Bibis juram que sim, que o papá já deu licença. A carroça põe-se em movimento, o *loiro* grita pela *Gartrudes* com mais força, o canario esvoaça doido d'encontro ás grades, e as meninas cochicham que todas *ellas* estão «a morder-se d'inveja» por ficarem em Lisboa. E quando a caravana volta a esquina, com muitos *adeus* e muitos *boa viagem*, as vizinhas das varandas das trazeiras, comentam com risinhos ironicos «onde é que elles vão arranjar dinheiro para aquellas folias».

— Olhe, D. Maria, isto não é metter-me na vida de ninguem porque não é esse o meu costume, mas ainda ante-hontem o sapateiro fez ahí uma chiada á porta, que foi mesmo uma vergonha!

— Ora, pois aquillo é mesmo uma pelintra, minha bôa amiga. E já agora sempre lhe quero contar aqui muito em segredo, que ainda ante-hontem foi a Gertrudes pôr no prego um aparelho de loiça. Vi eu com estes que a terra hade comer. Ora veja que proposito de gente!

A caminho da estação as meninas comentam:

— Deus queira que as lanbisgoias das Bibis se não lembrem de apparecer por lá...

— Sim, mesmo porque são umas lobas a comer — acrescenta a mãe.

— Eu já preveni vocês que com extraordinarios d'esses não posso — conclue o papá de sobr'olho franzido.

Assim Lisboa se despoeva, n'este agosto de chuviscos abafadiços, onde á tarde, sob as olaias d'Avenida, o burguez pacato es-

cabeceia a digestão, olhando guloso as blusinhas rendadas das portuguezinhas encalmadas. No Chiado, no Rocio, na Rua do Ouro, a mesma paz somnolenta, que os casos politicos sacodem de vez em quando com repelões de fêras.

Só lá no tópo da cidade, na historica Rotunda, a *Feira de Agosto* mexe, dando uma nota de vida buliçosa, com o vozear dos barraqueiros do *mexilhão de caldeirada* e dos Ravochólas que annunciam *phenomenos extraordinarios vindos directamente das... cinco partes do mundo!*

Por ali se espanejam os restantes lisboetas que não partem, trincando pevides e mascando fava torrada, com duas voltas na *Grande Roda* (?) — de vinte metros d'altura — que faz as delicias do provinciano boquiaberto pelo *raio do engenho* que é mais alto que a torre da matriz da povoação...

E os trombones roncam endiabradas partituras onde as fiñas são mais que as notas, ensurdecendo n'uma desenvoltura arrepiente.

Mas valha-nos ao menos esse retiro arejado, onde a falta de gosto e de... harmonia é abundante, mas que tem a vantagem de abafar os nauseantes echos da politica com os guinchos dos fantoches e o tiro ao alvo dos aficionados atiradores de pastilhas.

CRISPIM.

EPIGRAMA

Um velho caiu na cama:
Tinha um filho Esculapino,
Que para adivinhações
Campava de ter bom tino.

O pulso paterno apalpa,
E receitar depois vai;
Diz-lhe o velho, suspirando:
«Repara que sou teu pael!»

BOCAGE.

Mestres velhos

I

MORREU, ha dias, o meu professor de Logica e Rethorica, um velhissimo abbade, pesado e grosso, a quem os intimos declaravam tão bondoso, que só a gula do rapé poderia levá-lo a passar nas penas do Purgatorio.

Se não me deixou, em lições, as luzes orientadoras para um caminho intellectual a percorrer, a lembrança da sua face gorda e vermelha, traz-me aos olhos, saudosos de tempos velhos, as tremuras das congestões que o meu condiscipulo João Rodrigues lhe provocava, em discordancias irreverentes, que elle — homem de sciencia certa, absoluta — excommungava com fé.

João Rodrigues, que nunca chegou á *prima tonsura*, era um rapaz de cabula incurável, que apenas gastava luz dos olhos em leituras, planos e locubrações que lhe dessem polvora de combate secco contra os mestres, quasi todos surdos e cacheticos, com pello branco nas orelhas e musgos centenarios nas faces.

Como na maioria dos estabelecimentos de ensino, no seminario havia um professor, martyr das diabruras escolares.

Era o mestre de Logica e Rethorica.

João Rodrigues ia a estas aulas obrigatorias, apesar de reconhecer a sua inutilidade. Eram para elle um divertimento, uma curiosidade semelhante á de ver manejar uma catapulta em tempos de canhões modernos, uma recreação pittoresca, equal á de visitar as panellas do hervanario nestas eras de excellentes gabinetes chimicos.

Um dia o velho padre-mestre chamou-o:

— O sr. João Rodrigues queira falar sobre a excellencia da Logica e da Rethorica, suas relações e importancia scientifica...

Foi como se um condiscipulo, agachado entre as bancadas, lhe fizesse cocegas nos joelhos.

João Rodrigues desatou a rir, a rir, desabaladamente, como se endeocera.

O mestre pallido, a tremer, infundia comiserção!

D. Maria José da Lança Cordeiro

Uma linda figura de mulher, «doublee» de uma artista consumada!

No seu genero de «disease» é um encanto!



A sr.^a D. Maria José da Lança Cordeiro

Discipula dilecta do professor Alberto Sarti, é uma gloria nascente sobretudo na canção «Nacional».

E ainda, ultimamente, n'esse grandioso sarau realisado no Thea-

E n'esse momento recordámos, commovidamente, quanto seria grato aos nossos irmãos d'«alem mar» a visão da patria, representada por aquella ideal e linda figura de mulher, levando á sua saudade — dulcissimo conforto! — o canto sonhador das nossas provincias, o canto «exacto», como raras vezes se tem ouvido em palcos portuguezes! —

No repertorio musical, classico e moderno, apresenta primores d'execução e de dicção! Com uma linda voz, dóce, avelludada, perfeitamente timbrada e de afinação impeccavel, D. Maria José da Lança Cordeiro, faz vibrar os corações mais refractarios ás sensibilidades artisticas e musicas.

O seu lindo rosto insinuantissimo, os seus olhos sonhadores, a sua linda bocca, toda a sua graciosissima figura juvenil e airosa — conta apenas 18 annos! — captiva immediatamente o auditorio!

Alli não ha vaidade; não ha pretensão de qualquer ordem; é a singeleza, é a graça, é a poesia, é o talento! —

E pena será que tão extraordinaria vocação artistica, seja obrigada a restringir-se ao puro remanso do lar.

— Então, o sr. ri-se?! Ri-se de mim?! — um pobre velho?! — um seu professor?!!!

Esta reprimenda, onde havia maguas e crispções, chamou á ordem o curso inteiro que ria tambem.

João Rodrigues, mais sereno, como uma seriedade mal composta explicou:

— Creia que o meu riso não foi provocado pela pessoa de V. Ex.^a...

— Então, por quem foi?

— Simplesmente por duas palavras: *Logica e Rethorica.*

— Por duas palavras?! — admirou, esbugalhando os olhos inflamados, doridos.

— Eu me explico: como V. Ex.^a talvez saiba, cada palavra, até cada lettra, tem cór, som, linhas, emfim, uma physionomia

Na Associação de Agricultura



Uma exposição de dahlias

(Phot. de ***)

tro da Trindade, a sua gentilissima pessoa foi alvo das mais calorosas ovações!

Vestida á moda regional alemtejana, embrulhada no classico chale, o lenço de reforço, o chapéu e a fouce, era a «Canção Viva» da nossa patria!

particular que, em virtude de uma lei ainda mal explicada pelos physiologistas do systema nervoso, se liga a uma certa ideia suggerida por essa physionomia.

Pois queira V. Ex.^a perdoar, mas quando vejo ou ouço a palavra *Rethorica*, lembra-me sempre uma palhaça faladora, senten-

ciosa e ridícula, que vi, em creança, trabalhando, em comédias, no adro da minha aldeia.

Na face do mestre o sangue ia rebentar, n'uma explosão de colera.

— E a *Logica* — continuou João Rodrigues, perfeitamente calmo — recorda-me uma antiga fôrma de aço, por onde um antigo ferreiro da minha terra faz uma certa qualidade de broxas, ainda muito apreciadas por uns velhotes, que não sabem caminhar sem ellas.

O pobre velho, presa a fala, succumbindo ante aquella audacia, tremia da irreverencia com que um rapazote imberbe falava das suas altissimas sciencias — *Logica* e *Rethorica*!

a *Rethorica*, o pobre velho, de cerebro já pôdre dos *syllagismos* e das figuras, marcou na pauta um zero tremulo, enorme, chamando o alumno seguinte.

— Sr. Humberto da Silva, vamos ao objecto da nossa lição. . .

E levantou a fronte, agora illuminada de serenidade generosa e sciencia infallivel.

— Vamos, sr. Humberto, diga. . .

E o maligno Humberto, abrindo solememente a *Rethorica*, entou o *Paragrapho do nascido*, em voz saudosa, onde as palavras se arrastavam, pausadamente, num compasso grave de enterro. . .

PADRE ALYARES D'ALMEIDA.

THEATROS

THEATRO DA REPUBLICA



Uma scena da casa com escriptos

(Phot. de A. C. Lima)

Mas João Rodrigues tornara-se impiedoso, salvando embora a pessoa do mestre.

A luzir por entre as faiscas da satyra, mostrava-lhe, afiado e nú, o estylete da sciencia.

Agora dissertava sobre as leis hypotheticas que constituíam a fortaleza da *Logica*, e apontava os meios efficazes de acordar, na mente, o phenomeno intellectivo, garantindo, demonstrando que todas as sciencias, nos seus trabalhos inductivos e deductivos, haviam já substituido a *Logica* pela *Mathematica*.

— A *Logica* morreu! — declarou João Rodrigues, no tom frio do clinico que verifica o obito.

— *Requiescat in aeternum!* — entou um cabula, alegremente.

— Enquanto á *Rethorica* — concluiu o alumno endiabrado — essa vive ainda, tão abandalhada que só envergonha. Mas os charlatães e certos prégadores jogam-lhe os ultimos farrapos. . .

A cabeça do mestre inclinou-se desfallecida, sob o peso da má nova.

Quando soube por João Rodrigues que a Ideologia substituiria

THEATROS

Republica — O *Club dos suicidas*. — *Casa com escriptos*. — *Colyseu dos Re-crelos* — Companhia italiana de opereta. — *A côrte de Napoleão*. — *Vida de Bohemia*.

Duplo motivo de embaraço nos assalta ao tomarmos conta, ainda que interinamente, d'esta secção: *primo* — vir substituir Jayme Victor, um dos fundadores d'esta revista e um dos jornalistas portuguezes, que, durante cerca de trinta annos, vem exercendo, sem desfalecimentos nem tibiezas, o sacerdocio da critica litteraria e theatral, alliando á profundeza do conceito philosophico os primores de estylo, que esmaltam os seus artigos; *secundo* — a carencia quasi absoluta de assumpto, pois esta época estival decorre algo escassa de novidades theatraes, bastando dizer que continuam com as portas cerradas os theatros: *Nacional*, *Rua dos Condes*, *Trindade*, *Gymnasio* e *Apollo*.

Mas cobremos animo e tentemos sair airoosamente da tarefa que nos foi comettida.

O grupo de artistas, que se constituiu em sociedade para, no ve-

rão, explorar no **Republica** o genero *Gran-Guignol*, tem continuado as suas recitas, chamando basta concorrência ao elegante theatro. D'esse genero, *O Club dos Suicidas*, a celebre peça, que Monzey Eon e Armont, extrahiram de uma novella de Stevengon, é uma das mais completas, pois n'aquelles 2 actos e 3 quadros a acção é cheia de interesse, e n'um crescendo bem calculado empolga o espectador, fazendo-o assistir, palpitante de emoção, ao desenlace d'aquellas estranhas e allucinantes scenas.

E' evidente que sendo os socios do Hampton-Club individuos tarados, demanda a exteriorisação d'essas personagens um desempenho excepcional; e justo é dizel-o: o grupo que actualmente explora o Republica tentou conseguil-o com bastante brio, destacando-se mesmo na interpretação Ignacio Peixoto, no velho cardiaco, Carlos Santos no extenuante papel de «Jornalista», Mello, no fleugmatico presidente do Club, Joaquim Costa no *lord* borracho. Mendonça de Carvalho e Calazans satisfizeram.

A *mise-en-scene* e o apuro dos ensaios da peça, ao cuidado de Augusto de Mello, concorreram para o agrado com que foi recebida.

Primorosa a traducção do *Club dos Suicidas*, devida á penna do nosso presado collega Mello Barreto.

cesa dos Dollars, seguindo-se-lhe outras, como *Amor de Principe*, *Sonho de Valsa*, *Principe de Luxemburgo*, *A Geisha*, sendo todas ouvidas com agrado. Mas o *clou* da *season* tem sido a opera comica em 3 actos, de H. Hamilton, musica do maestro inglez Ivan Caryll — *A Corte de Napoleão*, pelo esplendor e deslumbrante guarda-roupa que exhibe. A nova opera comica é baseada na conhecida peça *Madame Sans-Gêne*, de Victorien Sardou, e cuja musica de Caryll vem, pela factura simples e graciosa, pelo rythmo e picante originalidade, destruir completamente a ideia preconcebida de que o inglez é refractario á melodia.

Tambem Caryll teve o bom senso de não exhibir o seu Napoleão cantando *raccontos* e duettos o que seria caricato. E' a unica figura da peça que não canta — declama. E Antonio de Rubeis, o artista que encarna o extraordinario Cabo de Guerra, fez da personagem um estudo consciencioso, não lhe escapando as attitudes, os *tics*, o modo de andar, enfim todos os pormenores, que, acerca do corso, a tradição fez chegar até nos. Além da sua figura grossa e atarracada, a sua phisionomia adapta-se a reproduzir a *mascara* de Bonaparte. E' uma encarnação perfeita. Tanto este artista, como Alba de Rubeis, que interpreta Madame Sans-Gêne, alcançam todas as noites verdadeiras ovações

PARAIZO DE LISBOA



A «Orchestra Hefti» sob a direcção de madame Marguerite Hefti, pianista pelo conservatorio de Francfort, onde obteve os primeiros premios

E como é de sensata administração theatral não ferir sempre a nota macabra do genero Guignol, é bom, de quando em vez, desopilar a figadadeira dos espectadores. Assim a *première* da *Casa com escriptos*, dos felizes revisteiros srs. João Bastos e Ernesto Rodrigues, conseguiu esse desideratum. E' a genuina farça portugueza, no genero das peças de Gervasio Lobato; um *imbroglio* de situações disparatadas, mas picarescas, polvilhadas de ditos de espirito e sem a mais leve nota pornographica, provocando a franca e salutar gargalhada.

Excellente o desempenho confiado a Maria Mattos, Palmyra Torres, Joaquim Costa, Augusto Mello, Mendonça de Carvalho, Calazans e Eduardo Raposo. Jestina Montilli soberba de naturalidade no papel de criada.

A *Casa com escriptos* agradou em toda a linha, tendo os seus interpretes, bem como os seus authores chamadas especiaes, sendo calorosamente applaudidos.

No *Colyseu dos Recreios*, a companhia italiana de opera comica e opereta — Granieri-Marchetti — uma das mais afamadas de Italia, está fazendo as delicias dos *dilettanti*. D'ella fazem parte artistas de valor, taes como Alba de Rubeis, Fernanda Razzoli, Annita Granieri, Adriano Marchetti, Amadeu Granieri, Ettore Razzoli, Antonio de Rubeis, Raffaello Vizzani, etc.

A inauguração da época começou com a famosa opereta *A Prin-*

No ultimo sabbado subiu á scena pela primeira vez a opereta em 3 actos *Vida de Bohemia*, do compositor Hirschmann, desconhecida para Lisboa. Abordando o mesmo thema da opera de Puccini, destaca-se d'esta em não dar guarida á sentimentalidade. Todas as personagens da nova operetta são alegres, cheias de humour e a musica saltitante, ligeira, de recorte por vezes bastante original, adequando-se á maravilha ao libretto, o que predispoz bem o auditorio. Boa a interpretação de todos os artistas e excellente a da sr.^a Fernanda Razzoli (*Mimi*), Annita Granieri (*Musette*), Rubeis no *Rodolpho*, Vinazzi no *Visconde*, Gracini no *Marcello* e Marchetti no *Barbimanchio*.

Tambem a Companhia Granieri-Marchetti nos offerece a novidade de o seu director de orchestra pertencer ao sexo fragil — é M.^{me} Annita Capelli, que tem regido com muita competencia e por vezes com brilhantismo, os varios *spartitos*, que têm sido executados.

Agora que os emprezarios lisboenses, para disputar a concorrência aos animatographos, andam á profia a vêr qual d'elles, por preços modicos, apresenta melhores espectaculos, não ha duvida de que, quem bate este *record*, é o commendador Antonio Santos, que a preços infimos proporciona ao publico espectaculos attrahentes, artisticos e consequentemente educativos, que é do que o nosso povo mais carece.

FERREIRA MENDES.